

# DIM-PAM-PUM!

DIRECTOR  
AUGUSTO DE SANTA-RITA

ANO XIII  
N.º 663

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL  
**LO SECCULO**  
ANEXO

## O BURRO TEIMOSO

◆ ◆ Por LEONOR DE CAMPOS ◆ ◆

**A** QUÊLE burro — como todos os burros — era teimoso a mais não poder ser. O dono puzera-lhe até o nome de Birrento. Se decidia ir pelo lado esquerdo, só à força de muita, chicotada o dono conseguia que fôsse pelo direito. Por causa desta mania já o compadre Barnabé ouvira inúmeras descomposturas de automobilistas. E até uma vez — que susto! — esteve vai não vai a apanhar grande tarefa dum motorista enraivecido, a quem o burro obrigara a travar bruscamente.

Valeu-lhe ter aparecido nessa altura um seu vizinho — senhor imponente e bem falante — que, com lindos modos e palavras doces, conseguiu convencer o motorista de que o único culpado era o Birrento.

Afastado o senhor vizinho, depois de rasgados agradecimentos do compadre Barnabé, o motorista subiu para o carro e devagarinho foi acompanhando o trote curto do Birrento, enquanto conversava com o dono do bicho.

— «Quem é o senhor seu vizinho? Algum rei destronado?»

— «*Nan* *senhori*. *Nan* é Reis Tro-

cado. E' o senhor *Esfelciano* Carapatoso, o *home* mais ricaço destas redondezas!...»

— «*Apre!*... Logo se vê que deve ser pessoa que tem muito daquilo com que se compram melões...»

— «*Tem melões e melancias e abóbras e pimpinos e...*»

— «*Alto!*... Alto! Não diga mais que não é preciso...»

— «*Pois nam senhori*. E' uma criatura muito fina. E é *mé primo*...»

— «*Seu primo?* Então como arranjou êle um primo como você?»

— «*Como a mim?*» — interrogou, abespinhado, o Barnabé.

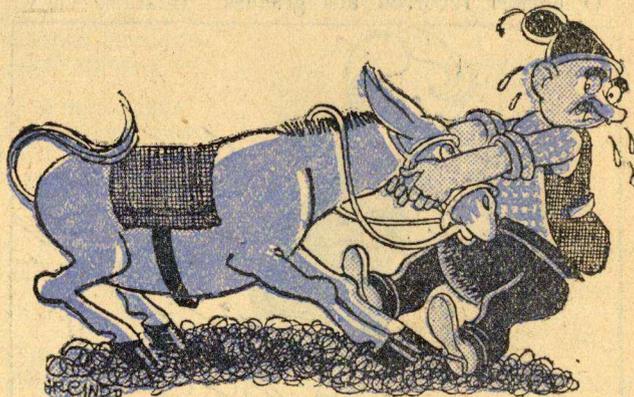
— «*Sim*. Como você. Assim tão simpático!...»

— «*Ah!*... Lá isso! — retorquiu o outro, desvanecido. — Não é por me gabar!... Mas como o *oitro* que diz!...

*Nan* vê vocemecê que êle é primo da cunhada da mulher do *mé* tio Fagundes!...»

— «*O quê?* Primo de quem? Mas que grande confusão!...»

— «*Nan* há confusão, *homezinho*. Vomecê não *comprende* que o *mé* tio Fagundes casou com a irmã do *home* que casou com a prima do senhor *Esfelciano*?!... *Nan* há nada mais simples!...»



O motorista, aturdido, ueu mais força ao carro. E enquanto se afastava, gritou ao Barnabé:

— «*Adeus!*... *Adeus!*... Não quero ouvir mais nada, para não enoidecer!... E dê lá saúdes ao primo da avó do compadre da bisneta da sua mulher!...»

E a rir, depressa desapareceu aos olhos espantados e reprovadores do compadre Barnabé.

Também o Birrento não gostou daquela súbita desapareição. E pensou de si para consigo:

— «*Porque* não hei-de eu imitar o automóvel? Que é êle mais do que eu?... Vou correr também!...»

E, inesperadamente, desatou em furioso galope.

Compadre Barnabé, assustadíssimo, gritava e agarrava-se à albarda com quanta força tinha. Mas quanto mais o dono gritava, mais o burro corria. Até que, ao fim de um quarto de hora, extenuado, Birrento resolveu parar. Só então compadre Barnabé, mais verde que uma couve tronchuda, pôde respirar. Apiou-se e sentou-se na valleta da estrada, quasi desfalecido. Quando se sentiu melhor, decidiu-se a regressar a casa a pé.

— «*Ná!*... *Nêste* maldito mafarrico não torno eu a andar!...»





E, pegando na arreata do burro, tentou pôr-se a caminho.

Mas qual!... O bicho parecia de pedra. E por isso, por mais que o Barnabé puxasse a corda, não se movia.

O homem recorreu aos grandes

Recuou... Recuou... levando arrastado o compadre Barnabé, cada vez mais aflito.

Mas... ao chegar à borda da ribanceira, as patas trazeiras do bicho resvalaram. E lá vai de escantilhão pela

meios. Com a vara de marmeleiro que lhe servia de chicote, deu-lhe uma bordoadada.

Então, o Birrento *desistiu*. Mas, em vez de avançar, fez marcha atrás.

Recuou... Recuou... levando arrastado o compadre Barnabé, cada vez mais aflito.

Mas... ao chegar à borda da ribanceira, as patas trazeiras do bicho resvalaram. E lá vai de escantilhão pela

encosta, enquanto Barnabé, que a tempo largara a corda, ficava na estrada a chorar e a carpir-se.

O Birrento, por ser birrento, sofreu o castigo merecido.

Este burro, salvo o devido respeito, faz-me lembrar certo menino, meu conhecido, que, por ser birrento

e teimoso, sofreu há tempo um terrível desastre, que o ia matando.

Tinha este menino a mania de, em vez de descer a escada como toda a gente de juízo, degrau em degrau, deslizar pelo corrimão.

Os pais proibiam e avisavam-no cordialmente:

—«Tomaz!... Qualquer dia sucede-te um desastre!...»

Mas o rapazinho não fazia caso e continuava. E certo dia desequilibrou-se e veio parar cá a baixo, estatelando-se no patamar.

Não morreu mas quebrou uma perna e o nariz.

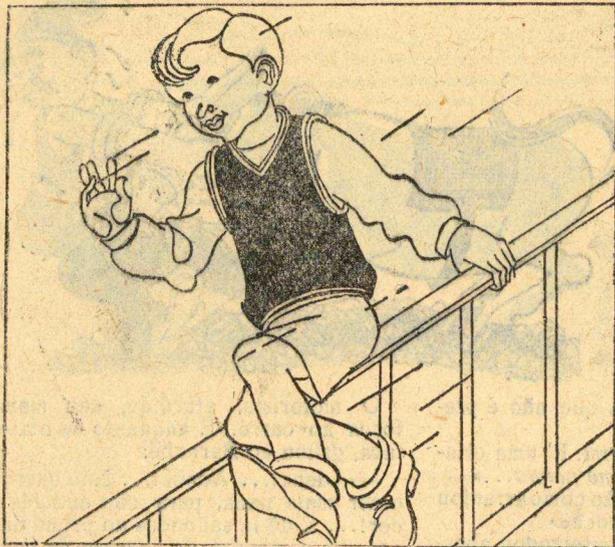
E ficou defeituoso para toda a sua vida, com o nariz torto e uma perna ligeiramente mais curta do que a outra.

Lá que os burros sejam teimosos e birrentos não admira, porque são irracionais.

Agora um rapaz que tem obrigação de saber pensar e raciocinar!...

É uma vergonha!... Não é verdade?

Estou convencida de que nenhum de vocês—rapazinhos de juízo—é *caualeiro de corrimãos*...



## ANEDOTA

## COMO SE CONSTROE UM CONTA-GOTAS



Entre antropófagos:

*Dipressa, dipressa, siô felicêro,* nosso Rei papou ontem um automobilista e estar muito *esgoniado* com o sabor da gazolina...

Se alguma vez precisarem de um conta-gotas e não tiverem nenhum, não se apontem que se engendrará um, num instante.

Arranjem um arame duns 20 cm de comprimento e dobrem-no em forma de gancho. (1)

Em seguida, torçam-no, de maneira a ficar igual ao da gravura (2) e, depois de cortados as pontas, dobrem-no em ângulo recto. (3)

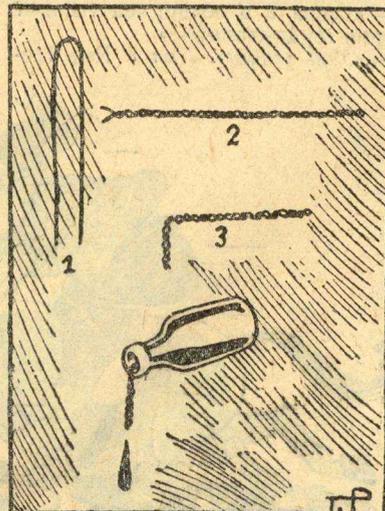
E acabou-se.

O modo de usar, vê-se claramente no desenho.

### CONCURSOS QUINZENAIS DE POESIAS E CONTOS INFANTIS

Na sua última reunião, o Júri deliberou conceder o primeiro prémio à poesia que hoje publicamos, intitulada: — *Aquela cabrinha má...* apresentada sob a legenda: — *Fé, Esperança e Saúde.*

Os nossos sinceros parabens à sua talentosa autora: — Maria Amélia Bácia.



# NÃO FAÇAS MAL à conta de te vir BEM

Por ANA LUIZA

— «**A** VÓZINHA, conte aquela história!...»  
Poisando o trabalho no regaço e olhando por cima dos óculos, a sorrir, com imensa ternura, para aquela pequenina que tanto a maçava a pedir-lhe histórias que nunca se cansava de ouvir, a avózinha que tão bem sabia gravar no coração da nêtinha a repulsa pelo mal e o desejo do bem, começou possivelmente pela centésima vez:

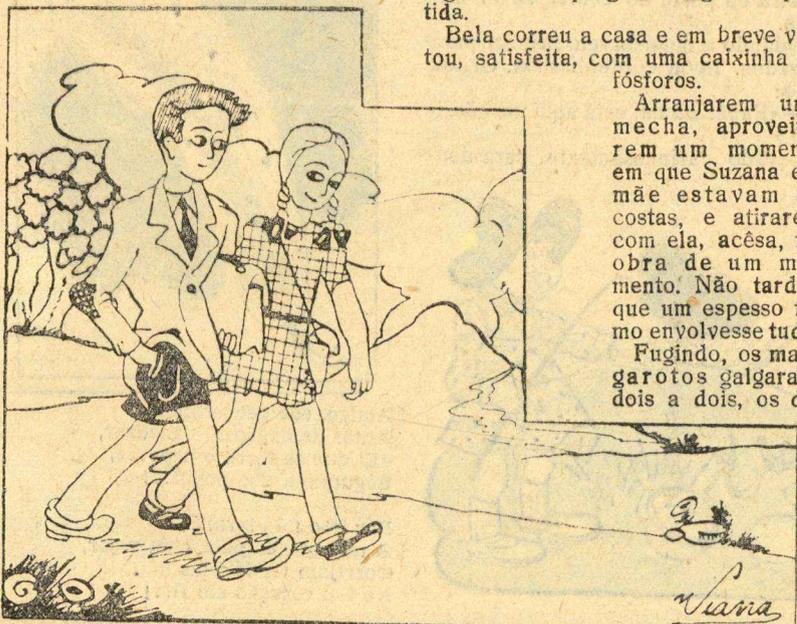
— «ERA UMA VEZ um homem muito rico, casado com uma mulher muito formosa. Tinham dois filhos, um rapaz chamado Amândio e uma menina cujo nome era Bela.

Os pais, orgulhosos da sua fortuna e da formosura de seus filhos, aspiravam para o Amândio grande poderio e para a Bela uma verdadeira realeza.

Perto dêles morava um modesto sapateiro, casado com uma mulher bondosa, da qual tinha dois filhos, Benjamim e Suzana.

Com fatinhos muitos vezes remendados, mas sempre muito limpinhos, Benjamim e Suzana eram dois irmãos que muito se estimavam e que adoravam os seus paizinhos; uns meninos com muito tino, pois sabiam compreender a vida trabalhosa que seus pais levavam para se manterem e para os criar.

Quando vinham da escola, logo o Benjamim ia sentar-se ao pé do pai, aprendendo e ajudando-o em tôdas as coisas que já pudesse fazer, e a Suzana mostrava-se contente, aliviando a mãe na lida da própria casa.



Pobres mas felizes viviam aqueles pais e alegres andavam as crianças a quem não era preciso ralhar mas tão somente ensinar o que era de bem-fazer, e o que de mal se devia evitar.

Em casa dos ricos, a vida corria de outro modo. Amândio e Bela só estavam de acôrdo quando pensavam em fazer mal. Os professores nem com boas pagas os suportavam, pois malcriados e mandriões, de uma soberba fortalecida pela complacência dos pais, a ninguém inspiravam simpatia.

Os dois irmãos faziam da vida um conceito muito errado, imaginando que o dinheiro o gasta quem tem e que quem é rico nunca poderá vir a ser pobre.

— «O trabalho é apenas para aqueles que precisam e os que a êle se subordinam só mostram inferioridade, pois têm de servir aqueles de quem dependem!»

Pensando dêste modo, não aceitavam admoestações ou conselhos, nem mesmo dos próprios pais.

— «Vamos até ao muro do sapateiro?»

— «É já!...»

E lá seguiam para, como de costume, troçarem do sapateiro e do Benjamim, que sempre se faziam desatendidos dos ditos e trejeitos de tão ruins meninos.

— «Olha — (dizia a Bela que ia à frente) — hoje não estão lá o Benjamim e o pai. Anda só a Suzana com a mãe a mexer em palha. O que andarão elas a fazer?»

Espreita daqui, espreita de acolá, descobriram que a Suzana e a mãe andavam renovando a palha dos colchões. Maus, como eram, lembraram-se logo de lhes pregar uma grande partida.

Bela correu a casa e em breve voltou, satisfeita, com uma caixinha de fósforos.

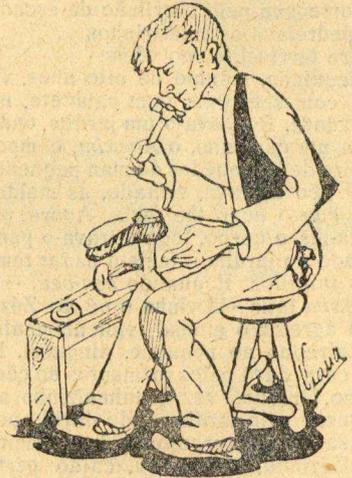
Arranjarem uma mecha, aproveitarem um momento em que Suzana e a mãe estavam de costas, e atirarem com ela, acêsa, foi obra de um momento. Não tardou que um espesso fumo envolvesse tudo.

Fugindo, os maus garotos galgaram, dois a dois, os de-

graus da escada que os conduzia ao sótão, para dali melhor apreciarem a sua proeza.

— «Olha, Bela, já parece o incêndio de Roma!...»

— «E tu o Nero que assiste, im-



pávido e sereno, a um tão belo espectáculo!»

Na casa vizinha havia já grande alarido.

Pai, mãe e filhos, trazendo água numa grande azáfama e aflicção, tentavam debelar o fogo. A palha dava farto pasto às chamas que o vento atirava em direcção da casa vizinha.

Alarmados primeiro, mas depois mais sossegados por verem que o mal se limitava a casa do sapateiro, os pais de Amândio e de Bela e os criados procuraram sítio de onde pudessem ver... Êstes nem sequer reparavam que, entre o fumo, o vento atirava fagulhas que vinham cair em sua própria casa.

Quando, enfim, o fogo estava reduzido a um montão de palhas negras e quando Benjamim e Suzana, todos enegrecidos e molhados, abraçavam os pais, contentes por terem sido corajosos e pelo facto do fogo não ter passado da palha no quintal, um grito, seguido de outros, lhes chamou a atenção para a casa vizinha.

O prédio era já todo em chamas. Ninguém dera pelo comêço, atentos, como estavam, ao fogo na palha.

Amândio e Bela nas janelas do sótão, gritavam num desvario, acusando-se mutuamente da responsabilidade do incêndio.

O sapateiro, desprezando o perigo, esquecendo o desdém dos vizinhos e as maldades dos garotos, corre a salvar as crianças. As chamas, que tinham feito recuar os pais e os cria-

(Continua na página 6)

PARA OS MAIS PEQUENINOS

# O CÃO e o MORCEGO

Por MANUEL FERREIRA

O Zéquinha era um menino muito lindo mas (há sempre um *mas...*) muito mau. Nada parava com ele. Tinha todos os ruins defeitos. Não comia a sopa, entornava o copo de água na toalha, escorregava pelo corrimão da escada e apedrejava os passarinhos...

Era terrível, como vêem.

Zéquinha, menino de oito anos, vivia, com seus pais, num palacete, na Amadora. Rodeava-o um jardim, onde latia um cãozinho, o *Abexim*, companheiro de brinquedos do mau pequeno.

O cão aturava, coitado, as maldades que o dono lhe fazia. Agora, picava-lhe o corpo, logo atirava-o para o lago do jardim e fazia-o nadar tempos infinitos. E quando *beu-beu*, — o *Abexim* latia — lá vinha o pé do Zéquinha agredir o animal, violentemente.

Entregue ao pequeno, ninguém, lá em casa, dava pelos tormentos do cãozinho. Ora, uma vez, o animalzinho, ao vagarear pelo jardim, todo dorido por causa duma turbulenta brincadeira do Zéquinha, encontrou, caído perto duma árvore, um bicharoco exquisito.

Parecia um rato. Mas, observando bem, o *Abexim* descobriu-lhe uma asa de cada lado do corpo.

— «Diabo! — disse o cão — Vou esconder este bicho na minha casota, não vá o Zéquinha dar cabo dele.»

Assim fez. Estava escuro no *chalét* do cãozinho e este viu o bicho mover-se. Começaram a conversar e o rato com asas apresentou-se:

— «Sou um morcego. A luz do dia faz-me mal à vista e só ando de noite. Estava a dormir em cima daquela árvore quando alguém a abanou. Felizmente que me não viram cair...»

— «Devia ser o meu dono, um maroto que só me trata mal. Hoje, atou-me um pedregulho ao rabinho e moeu-me com pancadas. Mas, agora, que queres tu que eu te faça?»

— «Já que me salvaste a vida, pois

certamente seria esmagado pelo teu dono, deixa-me estar aqui até ao pôr do sol. Assim que anoitecer, ir-me-ei embora. Tanto mais que já falta pouco.»

Então, o cãozinho teve uma idéia:

— «Já que te fiz bem, quero que tu me faças um favor. Eu não posso aturar mais o Zéquinha. Quero fugir daqui para fóra. De dia, serei apanhado. Só de noite o poderei fazer...»

— «Já calculo o que tu vais dizer,



amigo cão. Como não vês bem e não conheces os caminhos, vou-te guiando por essas terras fóra. Calha mesmo bem que, ontem à noite, no beiral dum telhado, em Montelavar, ouvi uma menina, talvez da mesma idade que o teu patrão, pedir ao pai que lhe desse um cãozinho. O pai respondeu-lhe que não estava para despesas. Só se lhe viesse algum parar à porta.»

O *Abexim* arrebitou as orelhas de contente. Depois de tudo bem combinado, o cãozinho fugiu da casa daquele menino mau. Guiado pelo morcego, daí a horas, o cãozinho, depois de se despedir do amigo, deitou-se na soleira da porta do *chalét* da tal menina.

Quando a menina veio brincar para o jardim, ficou contentíssima. Gritou logo:

— «Papá, mamã, está aqui um cãozinho.»

Levado carinhosamente para den-

tro, daí a pouco o *Abexim* estava lambendo os beiços diante duma malga de leite e dumas costeletas fresquinhas. Daí para o futuro, não havia mimo que a menina Angélica recusasse ao cão.

O morcego, assim que se encobria o sol, vinha cavaquear com o amigo. Uma vez, contou-lhe que uma criada que se despedira da casa dos pais do Zéquinha, dissera a estes que vira, muitas vezes, o menino fazer crueldades ao cão. Não o acusara, com receio que a senhora se gansasse com ela.

Conclusões :

1.ª — O pequeno ficou privado, durante um mês, da sobremesa e, durante três meses, de ir a Lisboa com o paizinho.

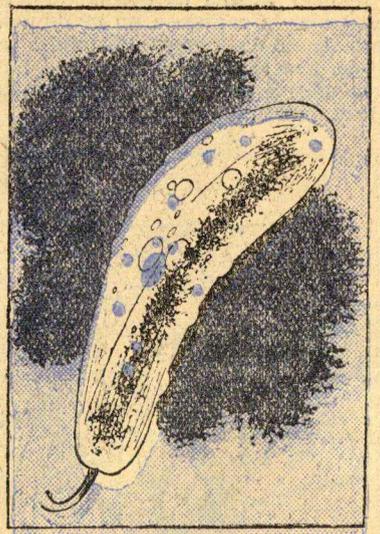
2.ª — O *Abexim*, devido ao morcego, dorme hoje feliz e contente, no regaço da menina Angélica.

E, por hoje, tenho dito...

OS NOSSOS CONCURSOS

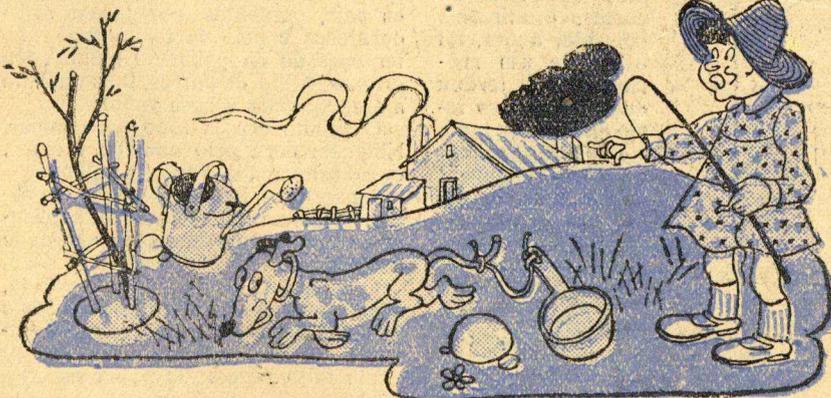
## ENCONTRAI RIMAS E FIXAI CONCEITOS

Por JOSINO AMADO



Amigo, «de pequenino»,  
Antes de engrossar, medrar,  
«E' que se torce o pep...»,  
Segundo a voz popul...!

Por isso não levarás  
A mal que os pais, com vigor,  
Corrijam tendências m...  
No teu coração em fl...!



# AQUELA CABRINHA MÁ...

por MARIA AMELIA BARCIA

## NARRATIVA

Logo pela manhãzinha,  
Muito cedo,  
Ainda no céu luzia  
O brilho ledo  
De certa estrêla branquinha  
Que sorria  
Para a Terra,  
No casalinho da serra,  
Abria-se a larga porta  
Que ficava junto á horta  
E então, em louca alegria;  
Saía  
Por ali fóra,  
Sem demora,  
Um rebanho de cabrinhas,  
Muito mansas e branquinhas;  
A pular,  
A retoçar  
Sôbre a erva inda molhada  
Do orvalho da madrugada.  
Logo a voz da Rosalina,  
A pastora pequenina  
Daquele lindo rebanho,  
Se fazia então ouvir:  
— «Olá, meninas, bom dia:  
São horas, vamos partir.  
Eh! Piloto, não queres vir?»  
E o Piloto, um canzarrão  
Valente como um leão,  
Que dormia

Ali ao pé  
No seu «chalet»  
De madeira,  
Levantava-se dum salto  
E punha-se a ladrar alto  
E a dizer desta maneira:  
— «Áo, ao, ao, vamos embora,  
Que já vem rompendo a aurora  
E não tarda aí o Sol  
A pintar de vivas côres  
As flores  
Do girassol.  
Áo, ao, ao, vamos embora!» —  
A Rosalina sorria  
E partia  
Estrada fóra,  
Guiando as suas cabrinhas,  
Tão branquinhas  
Como bolas de algodão.  
Atrás seguia o Piloto,  
Sempre a ladrar: — ao, ao, ao,  
Não fôsse o lobo maroto  
Apanhá-lo descuidado  
E roubar algum cabrito,  
Pequenito  
Que ficasse tresmalhado.

Ao chegarem ao cruzeiro,  
A vetiza ajoelhava;  
E logo o cão se prantava  
Hirto que nem um pinheiro,  
A olhá-la com tanto amor,



Como se acaso entendesse  
O valor daquela prece  
Erguida aos pés do Senhor:  
E a pequenita rezava  
P'lo pai, que em terra estrangeira,  
Lá tão longe mourejava  
Numa constante canceira.  
Pela mãe envelhecida  
Na dura luta da vida,  
Por aquele irmão mais velho  
Que, desprezando o conselho  
Sensato do senhor cura,  
Deixando a casa e os seus,  
Partira um dia à aventura  
Por êsse mundo de Deus;  
E à terra voltara agora  
Mais pobre do que se fôra.  
E a pastorinha rezava  
Ao Senhor, pelas cabrinhas,  
Não andasse o demo à espreita  
E lhes botasse maleita.  
E a rezar ingénuamente,  
Fazendo o sinal da Cruz,  
Ia pedindo a Jesus

(Continua na página 7)



## NÃO FAÇAS MAL à conta de te vir BEM (Continuado da pagina 3)

dos, não meteram mêdo àquele homem humilde, tão generoso e bom.

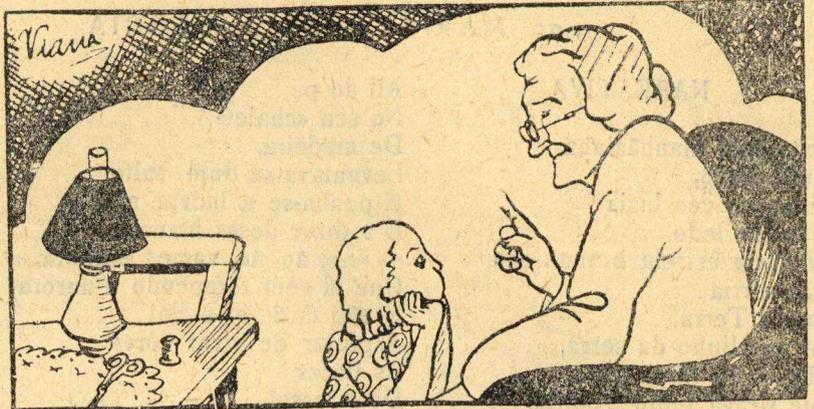
Quando, momentos depois, êle apareceu, trazendo nos braços fortes os garotos, todos se sentiram possuídos de respeito por aquela coragem.

Passaram-se anos...

No lugar do palacete, existiam, agora, uns prédios modernos, bonitos, e, num deles, uma grande sapataria. Era a do pai do Benjamim e da Suzana que, trabalhando sempre e estimado por todos, vivia feliz vendo progredir a sua casa.

Também Amândio e Bela, recebendo a dura lição do destino, tinham aprendido a ser bons, escolhendo para modelo aqueles de quem primeiro haviam desenhado.

Amândio, estudando e trabalhando, chegara a ser engenheiro e Bela era, de verdade, uma boa menina, muito prendada.

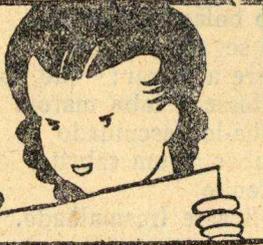


E para que tudo acabasse pelo melhor, Benjamim e Bela, Amândio e Suzana, constituem hoje dois lindos casais que nunca se cansam de pro-

clamar o velho rifão que diz: — «A ninguém deveis fazer mal na esperança de que vos aconteça o bem.»

F I M

## Lô, minha menina...



Por GRACIETTE BRANCO

Minha querida Menina Portuguesa: — pronto! Já estou em Lisboa! Não estejas triste por ter terminado o verão, com o seu cortejo de diversões agradáveis, porque o Inverno, o simpático Papá Inverno, dá também muitas compensações aos espíritos tranquilos e sensatos... Quanto recolhimento espiritual e íntimo nos longos serões que vão surgir!... Quanta paz e tranquilidade feliz no cantinho aconchegado do nosso lar!

E... minha querida Menina Portuguesa: quanto aproveitamento nas calmas horas de estudo, o rosto debruçado sobre os livros e na alma o grande e proveitoso desejo de aprender! Vamos, agora, destinar as nossas horas de estudo, com entusiasmo e ponderação.

No dia 1 de Novembro abro, na minha casa, o «Curso de Dicção», que grandes e agradáveis surpresas nos irá reservar.

Minha querida Menina Portuguesa! Cá estou á tua espera! Se quizeres vir, pessoalmente, inscrever-te ou saber condições, dirige-te a minha casa, na Rua de Artilharia Um, 22-3.º-D.to.

Vossa amiga  
GRACIETTE

## C O R R E S P O N D Ê N C I A

*Liba — Costa de Caparica.* — Gostei muito da tua cartinha e peço-te que percas êsse acanhamento que te pode ser prejudicial pela vida fóra.

Confessas, também, que, ás vezes, és malcriada!...

Oh Liba!... Que coisa tão feia!... Se queres que eu seja tua amiguinha, faze os possíveis por perder êsse péssimo defeito.

Gostava que te inscreveses no Curso de Dicção, porque, além de te ensinar a dizer, mais de perto te daria os meus conselhos, sem nunca, de maneira alguma, tirar o lugar á tua boa Mãezinha. Escreve uma história e manda-ma que, se estiver em condições, sairá no «P. P.». Saudades. —

Maria José Proença Pissarra. —

*Guarda.* — Obrigada pela tua carta e pela preferência. Ser-me-há, também, muito agradável manter correspondência contigo. Brevemente te escreverei uma cartinha para tua casa, na Guarda. Podes contar com a minha amizade. —

*Maria João d' Agonia Baltar.* — Os teus versos estão engraçados e vou pedir-te que continues. As rimas são fraquinhas e a métrica (quere dizer: a contágem das sílabas) por vezes errada. Vê se aprendes a corrigir êstes defeitos porque tens facilidade e versejas com graça e leveza. Muitos beijinhos. —

*Ermelinda de Matos.* — Com muito gôsto passo a incluir-te no número das minhas amiguinhas e, sempre que queiras, manda-me as tuas notícias. Beijinhos. —

*Cidália de Matos.* — Tu deves ser irmã da Ermelinda, não é verdade? Podes contar com a minha amizade e sempre que necessitem dos meus conselhos, escrevam. Saudades. —

*Maria Adelaide e M. Manuela Figueiredo.* — Lembro-me muito bem de vocês, minhas queridas amiguinhas e fiquei muito contente com a vossa cartinha.

Escrevam sempre, que me darão muito prazer. Teem continuado a recitar?

Porque não veem inscrever-se no meu Curso de Dicção? Vocês teem imensa habilidade e gôsto. Saudades para ambas. —

*Antónia S. Pereira.* — Estou muito contente por vires para o Curso de Dicção e eu já contava com o teu entusiasmo. Quem sabe se ainda virás a ser uma grande declamadora!

Sim; depois levar-te-hei ao microfone. Saudades.

Vossa amiga

GRACIETTE

# CURIOSIDADES A DIVINHA

## PROBLEMA



**¿PORQUE DEITAM OS CÃES A LINGUA DE FORA NOS DIAS DE CALOR?**

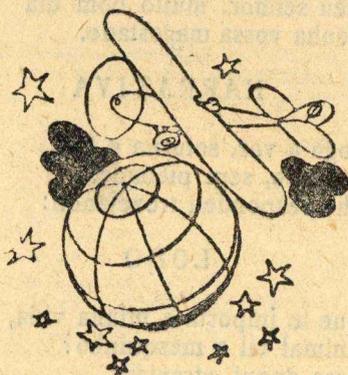
O corpo humano tem à flôr da pele umas microscópicas aberturas chamadas póros, pelas quais é feita a transpiração.

O cão, pelo contrário, apenas possui essas aberturas na língua, pois que coberta de pêlo a sua pele é impermeável. Como respira unicamente pela bôca, sente a necessidade, quando o calor aperta, de a abrir, deitando instintivamente a língua de fóra, o mais possível, para que os seus póros fiquem em contacto com o ar.

## A VOLTA AO MUNDO EM DEZANOVE DIAS

HÁ sessenta e seis anos, em 1872 Júlio Verne publicou o mais famoso dos seus romances, para provar que, com as linhas férreas e de navegação então existentes, era possível dar a volta ao mundo em 80 dias, desde que a passagem de comboios para navios, e destes para aqueles, se fizesse com pontualidade rigorosa, sem perder um só desses meios de transporte e sem que se dessem interrupções.

Ora, hoje, utilizando apenas as linhas regulares aéreas, pode-se realizar tal proeza em dezanove dias.



Meus meninos:

O nosso amiguinho Arcindo fez este desenho propositadamente errado, para avallar a perspicácia dos nossos pequeninos leitores.

Digam-nos, portanto, quantos erros tem.

## Aquela Cabrinha Má...

(Continuação da página 5)

P'lo Piloto, êsse valente  
Que era a sua companhia  
Na faina de cada dia.

Acabada a oração,  
Lá partiam, novamente,  
Rebanho, cão e pastora  
Correndo p'los campos fora.  
A' frente iam as cabrinhas  
A pular,  
A tasquinhar,  
Nas ervinhas  
Tão macias  
Que fazia gôsto vê-las.  
É assim passavam os dias

Desde que o Sol aparecia  
Até que êle se escondia  
E no céu luziam estrélas!  
Ora, havia no rebanho  
Uma cabra pequenina,  
Pequenina no tamanho,  
Mas tão grande em ruindade  
Como raposa, mofina,  
De muitos anos de idade.  
P'ra o Piloto era um tormento  
Guardá-la, e a cada momento,  
Ter com ela mil cuidados,  
Não fôsse acaso fugir

(Continua na página 8)

## PASSATEMPO

Solução do penúltimo número



Efectivamente, aquele menino tinha razão de encontrar-se tão aflito. Se êle era um câbula de marca...

De forma que o professor resolveu castigá-lo e em tão boa hora o fez que, (sabemos de boa fonte) o rapazinho se emendou e é hoje o primeiro da sua aula.

Vêr no próximo número:

## COSTUMES PORTUGUESES

interessante e curiosa secção  
de divulgação do traço regional

# AQUELA CABRINHA MÁ... — (Continuado da página 7) —



Cu por má sorte, cair  
Nos dentes bem aguçados  
Dos lobos da serra.  
Até que, num belo dia,  
Sem pensar,  
A tresloucada  
Da cabrinha malcriada,  
Apanhando a dormir  
O Piloto e a Rosalina,  
Fugiu, muito de mansinho,  
Pé ante pé a ladina  
A correr no seu passinho  
Muito curto, muito leve;  
Deu consigo muito em breve,  
Na margem fresca e florida  
Duma pequena ribeira.  
Como ia quási desfeita  
E moída  
De canseira,  
Pôs-se a beber, satisfeita  
Da sua boa partida.  
— «Viva a bela liberdade!  
Pensava para consigo.  
E afinal onde ela estava!...  
Onde existia êsse perigo  
Que o Piloto lhe apontava?  
Ora adeus! Fortes patetas!  
Que a qu'riam levar com tretas!»  
Mas, nisto, o seu coração  
Pulou, pulou apressado,  
Como um um bebé assustado  
Que julga ver o papão.  
Que horror! Ali mesmo ao lado,  
Mais acima um bocadinho  
Estava parado,  
A beber,  
O lobo, o grande malvado!  
De dentuça arreganhada  
E bocarra escancarada,  
A olhar com ar escarni! o...

Tremeu a cabra imprudente  
Mas para ver se podia  
Fugir à morte inclemente  
Que já de tão perto via,  
Sorriu com muita doçura  
E, fazendo uma medida,

Cumprimentou, delicada,  
Embora muito assustada:

CABRA

Meu senhor, muito bom dia  
Tenha vossa magestade.

NARRATIVA

Logo a voz, soturna e fria,  
Do lobo, sem piedade,  
Lhe respondeu trovejando:

LOBO

Que te importa a minha vida,  
Animal vil e mesquinho?  
Fóra daqui, atrevida!  
Tu não vês que estás sujando  
A água do ribeirinho,  
A água que eu vou beber?

NARRATIVA

Quási sem poder falar,  
Assustada, a gaguejar,  
A pobre quiz responder:

CABRA

Senhor, queira desculpar,  
Mas como posso eu turvar  
A água que está bebendo?  
Eu fico em baixo, bem vê.  
Note pois, vossa mercê,  
Que não pode ser verdade  
Aquilo que está dizendo...

NARRATIVA

Num rompante de maldade,  
Volve de novo o tirano:

LOBO

Pois seja assim, muito embora,  
Mas se a não turvaste agora,  
Turvaste-a há coisa dum ano.

NARRATIVA

Riu a cabra com vontade  
Ante um disparate tal:

CABRA

Vê que não fala verdade?  
Não fui eu, posso jurar.  
Quer' saber a minha idade?  
Seis meses, nem mais um dia!  
Então, eu não lhe dizia  
Que se estava a enganar?

NARRATIVA

Engrossando muito a voz,  
O lobo mau e feroz,  
Rugiu com ar sobranceiro:

LOBO

Cala-te, bicho matreiro  
Julgas que me hás-de enganar?  
Se não foste tu, então,  
Foi teu pai. Mas vais pagar  
Por êle, grande atrevida!

NARRATIVA

E arremessando-a ao chão,  
Ali lhe tirou a vida.

Fez o lobo uma maldade,  
Mas se formos bem a ver,  
P'ra onde pende a verdade  
E a razão,  
A culpa foi da cabrita  
Pequenita,  
Que se foi mesmo meter  
Na bôca do comilão.

Serviu a história p'ra provar à  
gente  
Este conceito, embora já velhinho,  
A liberdade é boa, mas somente  
P'ra quem a saiba usar com jui-  
zinho.

■ ■ ■ F I M ■ ■ ■